
Narradoras em Transmissões Esportivas no Brasil: Mapeamento Histórico da Presença Feminina na Narração em Veículos de Rádio, Televisão e Internet¹

Raphaella Xavier de Oliveira FERRO²
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

A narração em transmissões esportivas é função desempenhada majoritariamente por homens. A participação de mulheres se restringe a situações pontuais e a uma recente crescente inserção, principalmente em veículos on-line e canais de televisão por assinatura. A intenção desta pesquisa é identificar registros de participações femininas nessa área em veículos de rádio, TV e internet, no Brasil, desde as transmissões feitas exclusivamente por mulheres na Rádio Mulher, na década de 1970, até os dias atuais, a fim de demarcar a prática historicamente e contribuir para a consolidação da memória a respeito. Para tanto, utiliza-se a análise documental e recorre-se à bibliografia específica sobre história, feminismo e trabalho no intuito de compreender a limitação que esse espaço representou e ainda representa para as mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: História do Jornalismo; Narração Esportiva; Mulheres; Jornalismo Esportivo; Comunicação.

A primeira narradora de futebol no Brasil foi Zuleide Ranieri, na Rádio Mulher, na década de 1970 (RIBEIRO, 2007). Desse momento até atualmente, não há registro exato de quantas tiveram a mesma oportunidade em transmissões esportivas. Possivelmente, depois de Zuleide e Claudete Troiano, que dividia a função com ela à época, outra mulher só voltou a narrar um jogo da modalidade em emissora de rádio cerca de 40 anos depois: Elaine Felchaka, em 2009, na Rádio 91 Rock, do Paraná³.

Antes, no fim da década de 1990, Luciana Mariano se tornou a primeira mulher a narrar uma partida de futebol na televisão brasileira (BELARMINO; MEDEIROS, 2018). Em 2014, foi a vez de Renata Silveira, que ganhou concurso realizado pela Rádio Globo (RJ), mas narrou jogo da Copa do Mundo de Futebol Masculino pela

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, e-mail: raphaelaferro@gmail.com.

³ FERNANDES, Rodrigo. “Sem catedráticos” - Coluna Intervalo. Gazeta do Povo. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/docura-ou-travessura-bzqyj3wizj4ytipdyvxcy1hzi>. Acesso em 12 jul. 2020.

internet (RAMOS; BAUMWORCEL, 2016). Recentemente, outras mulheres exerceram e exercem a função, principalmente em emissoras, canais e redes sociais na internet, como na iniciativa de Federação Paulista de Futebol (FPF) e Facebook, que contratou equipes femininas, inclusive narradoras, para transmissão de jogos do Estadual feminino⁴. Em 2021, houve ampliação de vagas em canais de TV por assinatura.

Mesmo mais presente, a narração esportiva feita por mulheres ainda é socialmente percebida com estranhamento. O esporte, como área considerada reduto masculino, mesmo no Jornalismo, é espaço em que, muitas vezes, a presença feminina é vista com incômodo e alvo de preconceito. Considerando esse cenário, esta pesquisa busca identificar, por meio de revisão bibliográfica e análise documental, registros de participações femininas na função, no Brasil, desde o começo das transmissões feitas exclusivamente por mulheres na Rádio Mulher até os dias atuais, a fim de demarcar a prática historicamente e contribuir para a consolidação de memória a respeito.

Atualmente, a função específica tem vivido uma crescente da inserção de vozes femininas, inclusive com maior participação nas narrações de jogos de futebol, que têm ênfase nesta pesquisa, mesmo que com a demarcação também de registros de coberturas de outras modalidades. Contudo busca-se identificar se há experiências que foram invisibilizadas, o que se justificaria por ter sido a questão de gênero relegada ao que é periférico na distinção tradicional da história (BURKE, 1992) e por terem as mulheres sido excluídas da história que Scott (1992) denomina de “estabelecida” ou considerada “objetiva, neutra e universal no passado” (SCOTT, 1992, p. 90).

Trabalho, Mulheres e Jornalismo

Assim como explica Fonseca (2000, p. 23), “os trabalhos existentes na sociedade e as ocupações deles derivadas não possuem, em si, atributos que os qualifiquem como femininos ou masculinos”. Contudo, há uma classificação que se estabelece a partir do modo estruturado de pensar e aprender o mundo, segundo a autora, a partir das estruturas objetivas de dominação e da hierarquização dos sujeitos.

Bourdieu (2010) considera que a ordem masculina se estabelece por meio de imposições ocultas presentes tanto nas rotinas de divisão do trabalho quanto em rituais

⁴ ROGENSKI, Renato. Paulistão Feminino será transmitido no Facebook. Meio e Mensagem. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/10/13/paulistao-feminino-sera-transmitido-no-facebook.html>. Acesso em 22 fev. 2021.

coletivos ou privados, e reforça a existência de “condutas de marginalização impostas às mulheres com sua exclusão dos lugares masculinos” (BOURDIEU, 2010, p. 34). O esporte e, mais especificamente, o futebol, que concentra a maior parte das transmissões esportivas no Brasil, ainda se estabelece como um desses lugares vistos como masculinos, mesmo que essa percepção seja constantemente tensionada por mulheres que buscam ocupar e ocupam esses espaços.

Entretanto, conquistas individuais e a concessão de alguns espaços não impedem que a maioria das mulheres continuem excluídas desses lugares - ou mantidas somente dentro do que lhes é permitido pelos homens ou pela estrutura social. Como explica hooks (2018), a concessão de direitos dentro do patriarcado é perigosa por causar, muitas vezes, a impressão de que a situação das mulheres está melhor do que realmente é. Se os códigos são elaborados pelos homens, já explicava Beauvoir (2016, p. 116), “é natural que deem à mulher uma situação subordinada”. Constatações essas perceptíveis na escrita da história relativa a trabalho e gênero.

Beauvoir (2016, p. 166) relata, por exemplo, que, no início do século 19, quando o crescimento industrial passou a exigir maior quantidade de mão de obra, “a mulher era explorada mais vergonhosamente ainda do que os trabalhadores do outro sexo”. No Brasil, segundo Lodi (2006), o aumento da participação feminina na força de trabalho ocorre a partir da metade da década de 1980. Para isso, contribuíram como fatores: o aumento da escolaridade, o acesso à universidade e a redução no número de filhos por família. Bruschini (2007), que identifica o ingresso acentuado das mulheres no mercado a partir da década de 1970, também considera que um dos fatores que mais influenciaram na inserção feminina foi a expansão da atividade escolar.

“A escolaridade das trabalhadoras é muito superior à dos trabalhadores, diferencial de gênero que se verifica também na população em geral. Em 2005, entre os trabalhadores, 32% delas, mas 25% deles, tinham mais de 11 anos de estudo” (BRUSCHINI, 2007, p. 547-548) - situação, inclusive, da qual o Jornalismo não se diferencia (ROCHA; SOUSA, 2011). Ainda assim, foi identificado que essas profissionais atuavam em áreas específicas.

Contudo, as escolhas das mulheres continuam a recair preferencialmente sobre áreas do conhecimento tradicionalmente “femininas”, como educação (81% de mulheres), saúde e bem-estar social (74%), humanidades e artes (65%), que preparam as mulheres para os chamados “guetos” ocupacionais femininos. Mas

também é verdade que a parcela feminina nas universidades vem ampliando sua presença em outras áreas ou redutos masculinos, como a área de engenharia, produção e construção, na qual aumentou de 26% para 30% a presença das estudantes na década considerada. (BRUSCHINI, 2007, p. 548-549)

A existência desses redutos masculinos, em paralelo à manutenção de ocupações e áreas de trabalho ainda consideradas femininas, é uma das marcas que reafirmam a persistência da segregação, segundo a autora (BRUSCHINI, 2007). Ao longo do tempo, o que as pesquisas que relacionam gênero e trabalho indicam, conforme escreve Yannoulas (2013), é que as profissões que se abriram para o acesso massivo das mulheres sofreram um processo de desqualificação, tanto em remunerações quanto em prestígio social. Por outro lado, a autora enfatiza que “ a reiteração dos problemas das mulheres nos territórios de homens” quando comparados aos existentes “em territórios já feminizados é realmente desalentadora” (YANNOULAS, 2013, p. 50-51).

Bruschini e Lombardi (2001) enumeram o Jornalismo como ocupação feminina, considerando-a de maior prestígio por estar entre as profissões de nível superior. Contudo, mesmo estando presente nessa profissão em número equivalente à presença masculina, as mulheres, como explicam Rocha e Sousa (2011, p. 8), “sofrem desvantagens na ocupação dos cargos, no salário e na área de atuação”. Lelo (2019, p. 2) ainda reforça que “paridade entre mulheres e homens nas redações não conduz mecanicamente à igualdade de condições ou à isonomia das condutas organizacionais”.

Uma das principais portas de entrada do Jornalismo para as mulheres foi o acesso ao curso superior, explicam Rocha e Sousa (2011). Mesmo assim, os autores relatam que a quantidade delas no mercado jornalístico não acompanha a proporção bem superior de estudantes do sexo feminino que ingressam nas faculdades em relação aos homens (ROCHA; SOUSA, 2011). Ou seja, muito mais mulheres saem graduadas dos cursos de Jornalismo que homens, mas, no mercado de trabalho, a quantidade de profissionais dos dois sexos é equiparada - com maior participação feminina nas atividades extrarredação do que nas atividades de apuração e redação jornalísticas.

Lelo (2019) destaca, na profissão do jornalista, uma cultura organizacional que idealiza a figura masculina e não atua para coibir situações de assédio. Além disso, o autor indica, na cultura profissional, que há maior prestígio atribuído aos profissionais do gênero masculino e uma segregação horizontal - por pautas, editorias e estilo de escrita -, que ocorre por ação masculina e estrutural, mas também em decorrência de

áreas e situações em que assédios são considerados comuns. Segundo o autor, ocorre de algumas jornalistas, inclusive, se distanciarem de determinadas editorias e coberturas por escolherem se afastar de campos sociais em que a prática do assédio é recorrente, como o político, o policial e o esportivo (LELO, 2019, p. 10).

Desigualdade no Jornalismo Esportivo

O preconceito ao trabalho realizado pela mulher no Jornalismo Esportivo não está em sua definição, está no reflexo da estrutura social, em que, como explica Gastaldo (2004, p. 9), “a sociabilidade masculina brasileira tem na tematização do esporte um porto seguro”. Já Rial (2003) destaca que a afirmação de ícones de masculinidade é intrínseca às vitórias esportivas. Assim, a área é envolvida por práticas de masculinidade tóxica (SCULOS, 2017)⁵, mas tem aceitado cada vez mais a inserção de mulheres em seus quadros.

John (2014) analisa que mantém-se no imaginário popular a ideia de que mulher não entende de futebol e, por isso, não teria qualificação para trabalhar em áreas que envolvam a modalidade, incluindo-se meios de comunicação. Assim, a cobertura jornalística de esportes se perpetua como majoritariamente masculina. “Se a mulher está efetivamente ausente do jornalismo esportivo, a luta torna-se desigual e a possibilidade de se alcançar a equidade de gênero muito mais problemática” (JOHN, 2014, p. 499).

A mesma autora (JOHN, 2014) relata que o Jornalismo Esportivo, historicamente, deixa a figura feminina à margem de suas narrativas, tanto no papel de quem reporta quanto no espaço de quem é notícia. As vozes ouvidas em vários âmbitos ainda são quase exclusivamente masculinas e mesmo quando não o são, muitas vezes, carregam o discurso sexista. Brum e Capraro (2014, p. 968) destacam que “mulheres jornalistas compõem as equipes esportivas dos jornais desde que reproduzam os modelos de pautas que já vigoravam antes de sua chegada”.

Mattos e Zuculoto (2017) reforçam que a constituição do Jornalismo Esportivo é hegemonicamente masculina - no rádio, especialmente nas funções que usam o microfone. Tanto que, como indicam as autoras, as transmissões e coberturas esportivas foram iniciadas e se estabeleceram no rádio na década de 1930, mas os registros de que

⁵ Na reportagem “Intrusas” no Gramado, por exemplo, mulheres que atuam no Jornalismo Esportivo relatam situações de constrangimento, assédio, ameaça e preconceito que vivenciam cotidianamente no trabalho. Disponível em: <https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#veja-depoimentos>. Acesso em 2 set. 2020.

as mulheres passaram a fazer parte desse universo são da década de 1970, mesmo que em muitos lugares essa participação ainda exija luta e resistência.

Pode-se dizer que as pioneiras do radiojornalismo esportivo, já registradas, em alguns locais do país foram surgindo praticamente na mesma época, na década de 70. Em razão das lutas dos movimentos feministas, das conquistas de novos campos de trabalho, da regulação da profissão, entre outros fatores que possibilitaram às mulheres a se inserirem nas redações esportivas. No entanto, em outros lugares do país essa conquista é bem recente e as mulheres ainda enfrentam as mesmas barreiras daquelas precursoras de décadas atrás. A análise sobre os fatores que possibilitaram e os que dificultaram a inserção das mulheres no radiojornalismo esportivo permite entender porque a presença profissional das mulheres nas redações esportivas ainda é minoria, apesar de o número de jornalista mulher no mercado brasileiro já ter superado o de homens. Sua inserção tardia nessa área do jornalismo e o machismo histórico que ainda prevalece, talvez não de forma tão declarada, desestimulam grande parte das mulheres a optarem por esse campo profissional. (MATTOS; ZUCULOTO, 2017, p. 10)

Por mais que seja perceptível o aumento da presença de mulheres no Jornalismo Esportivo, ainda há uma tendência de que elas ocupem funções específicas, como a de apresentadoras em canais de televisão, “sem efetiva participação na produção e no processo estratégico do conteúdo esportivo” (BUENO; MARQUES, 2020, p. 118), e limitadas pela manutenção da desigualdade de gênero, que é estrutural, mas se evidencia no setor analisado. Os espaços permitidos às mulheres não englobam funções em que a competência e o conhecimento a respeito de esportes sejam imprescindíveis e devam ser reconhecidos, como explicam Bueno e Marques (2020), por colegas de trabalho e pelo público. Assim, ser mulher é visto como elemento que inviabiliza o exercício de funções como as relativas ao comentário e, principalmente, à narração.

Elas na Narração Esportiva

A narração esportiva, em definição, assim como o Jornalismo Esportivo, em si, também não apresenta impeditivo à execução feminina. Ela se caracteriza, segundo Schinner (2004), pela descrição, relato, ato de contar ou transmitir um evento esportivo. O narrador, escreve o autor, é responsável também por interagir com ouvintes e espectadores. Há uma indefinição a respeito de quem foi o primeiro profissional a assumir, no Brasil, a função, que tem origem no rádio, como explica Göetz:

Soares (1994, p. 22) garante que a trajetória iniciou no dia 19 de julho de 1931, quando Nicolau Tuma, pela Rádio Educadora Paulista, transmitiu, de forma

integral, a vitória de São Paulo sobre Paraná por 6 a 4, em duelo válido pelo Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais. Contudo, Mostaro e Kischinhevsky (2016) apontam que Amador Santos, em 1925, pela Rádio Clube do Rio de Janeiro, foi o primeiro a transmitir uma partida de futebol. (GÖETZ, 2020, p. 71)

O percurso histórico da função levou cerca de 40 anos para chegar à existência de narradoras em transmissões esportivas. “Zuleide Ranieri, em 1971, comandou a primeira equipe esportiva exclusivamente feminina, pela Rádio Mulher. (...) Ranieri entrou para a história como a primeira narradora esportiva feminina e uma das pioneiras em âmbito mundial” (GÖETZ, 2020, p. 77-78). O autor enfatiza que, naquele período, “havia uma série de dificuldades e preconceitos, oriundos da arquibancada” (GÖETZ, 2020, p. 77), o que, segundo Mattos e Zuculoto (2017), não impediu que a equipe esportiva exclusivamente feminina da Rádio Mulher, em que Claudete Troiano também atuava como narradora, alcançasse alguma aceitação do público, aumento da audiência e retorno financeiro com espaços publicitários.

Identifica-se na ação um cenário de resistência em um ambiente que está entre os que mais se opõem a mudanças em relação à inserção das mulheres: as emissoras de rádio. De acordo com Rocha e Sousa (2011, p. 16), dados do Ministério do Trabalho de 1999 indicavam que “as emissoras de rádio constituíam o setor mais conservador” entre os setores da imprensa: “as mulheres totalizavam 28,78% do total de 1.251 profissionais”. Nos anos 2000, mesmo com a crescente feminização do Jornalismo, possibilitada pelo acesso por meio do diploma universitário, tal processo ainda era menor no rádio, considerado um setor tradicional (ROCHA; SOUSA, 2011).

Esse elemento conservador garantiu vida breve às transmissões esportivas inteiramente femininas da Rádio Mulher, na década de 1970. O projeto nesses moldes foi encerrado em 1975. As mulheres que participavam das transmissões, segundo Ribeiro (2007), não permaneceram na imprensa esportiva porque foram desmotivadas pelo preconceito já que a emissora optou por inserir homens na equipe. Depois dessa primeira incursão feminina nas transmissões radiofônicas, houve atividades isoladas e esporádicas. Göetz (2020) fala em reinserção das mulheres no universo da narração esportiva a partir de 2017, quando “Isabelly Moraes tornou-se a primeira mulher a narrar futebol em Minas Gerais, pela Rádio Inconfidência” (p. 81). Ela também foi, como apontam Pereira e Ritter (2019), a primeira mulher a narrar um jogo de Copa do Mundo

de Futebol Masculino em rede nacional de televisão, quando atuou no jogo Rússia x Arábia Saudita em transmissão do canal FoxSports.

Mas houve marcos anteriores. Em 1997, Luciana Mariano se tornou a primeira mulher a narrar um jogo de futebol na televisão brasileira. Ela venceu um concurso da Rede Bandeirantes, que buscava uma voz feminina, e narrou jogos de futebol feminino do Torneio Primavera⁶. Dois anos depois, foi responsável pela narração de partidas do Campeonato Pernambucano, em projeto dividido com Luciano do Valle⁷. Ela voltaria a narrar somente cerca de 20 anos depois, pelo canal ESPN, a partida de futebol masculino entre RB Leipzig e Zenit, pela Liga Europa. O motivo para o longo hiato, segundo a narradora, em entrevista à Gabriel Perline, foi falta de oportunidade⁸.

Nos anos 2000, Vanessa Riche fez transmissões esportivas na narração televisiva pelo canal Sportv - atuou em edições dos Jogos Pan-Americanos e dos Jogos Olímpicos⁹. Em quase 20 anos, a história da narração esportiva feita por mulheres no Brasil esteve paralisada e, quando voltou a existir, se construiu a passos muito lentos, a partir de projetos pontuais e sem continuidade. Há registros de transmissão no Paraná, pela Rádio 91 Rock, com narração de Elaine Felchaka de partida da Copa do Brasil de Futebol Feminino¹⁰, em 2009.

Mais alguns intervalos até, em 2014, Renata Silveira se tornar a primeira mulher no Brasil a fazer a narração de um jogo da Copa do Mundo de Futebol Masculino. Ela narrou Uruguai x Costa Rica ao vivo pela internet após vencer o concurso “Garota da Voz” realizado pela Rádio Globo do Rio de Janeiro (RAMOS; BAUMWORCEL, 2016). Seleções como essa foram responsáveis pelo aparecimento de mais narradoras, principalmente em 2018. Antes, em 2016, Glenda Koslowski narrou a competição de ginástica artística dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, na Rede Globo de Televisão,

⁶ FREITAS, Carol. Representatividade feminina. Blog Mulheres em Campo. Disponível em: <https://www.blogmulheresemcampo.com.br/news/representatividade-feminina-conheca-a-historia-de-pioneiras-no-jornalismo-esportivo>. Acesso em 2 set. 2020.

⁷ MENDONÇA, Renata. 2018 foi o ano das mulheres no Jornalismo Esportivo. Blog Dibradoras. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/12/27/2018-foi-o-ano-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo>. Acesso em 2 set. 2020.

⁸ PERLINE, Gabriel. Primeira narradora da TV quebra jejum de 19 anos e nega empurrãozinho do ex. Blog Notícias da TV. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/primeira-narradora-de-tv-quebra-jejum-de-19-anos-e-nega-empurraozinho-do-ex--19435>. Acesso em 2 set. 2020.

⁹ MENDONÇA, Renata. Demoramos, mas chegamos. Blog Dibradoras. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/06/17/demoramos-mas-chegamos-o-lo-jogo-da-selecao-narrado-por-uma-mulher>. Acesso em 2 set. 2020.

¹⁰ FERNANDES, Rodrigo. Sem catedráticos (Coluna: Intervalo). Gazeta do Povo. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/docura-ou-travessura-bzqyj3wizj4ytipdyvxcylhzi>. Acesso em 3 set. 2020.

dividindo a função com homens. Ela relatou, posteriormente, a veículos de imprensa, que a experiência foi traumática.

Ela contou que depois de três dias narrando a ginástica olímpica, ela saiu do estúdio aos prantos pelos comentários negativos que estavam sendo feitos a respeito de seu trabalho.

"A coisa foi reverberando, fui vendo os meus 27 anos de dedicação ao Esporte jogados fora, indo pro lixo. Eu não tinha coragem de andar no corredor, aquilo me tomou de um jeito que eu andava curvada, só chorava", desabafou Glenda. Ela falou que esses comentários foram feitos por ter narrado ao lado de homens. "No primeiro dia, com o Cléber Machado; no segundo, com o Galvão; no terceiro, com o Luís Roberto. Eu ficava pensando se era algo errado comigo, com meu jeito de narrar, com minha técnica." (SANTOS, 2019, *on-line*)¹¹

Segundo a mesma publicação, Glenda Kozlowski recusou exercer a função em transmissões da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019 por não querer narrar jogos da modalidade, justamente o futebol que abriu portas para outras mulheres em outros espaços. No Rio Grande do Sul, Clairene Giacobe iniciou a carreira na narração esportiva na Rádio Estação Web, de Porto Alegre. A estreia ocorreu em novembro de 2016, na partida de futebol entre Internacional e Ypiranga, no Estádio Beira-Rio. Em 2018, pela mesma emissora, ela se tornaria a primeira mulher a narrar o principal clássico de seu estado, o Gre-Nal - jogo de futebol entre Grêmio e Internacional¹². Ainda em 2018, em março, foi a vez de Letícia Beppler, que narrou o jogo entre Palmeiras e São Paulo na Rádio Melhor FM¹³, em uma transmissão exclusivamente feminina em homenagem ao dia internacional da mulher - prática já começa a ser recorrente em emissoras de rádio, onde a efetiva contratação de narradoras é mais rara.

Os espectadores que acompanham transmissões esportivas, principalmente futebol e mais especificamente por meio da TV, tiveram contato mais presente com a narração feminina em 2018, quando o Esporte Interativo selecionou Vivi Falconi para a narração por meio do concurso "A Narradora Lay's" e o Fox Sports escolheu três mulheres - Isabelly Moraes, Manuela Avena e Renata Silveira -, a partir da iniciativa

¹¹ SANTOS, Pyetra. Glenda recusa convite para ser narradora após trauma no Rio. Portal Terra. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/gente/purepeople/glenda-kozlowski-recusa-convite-para-ser-narradora-apos-trauma-a-nas-olimpiadas,0e613b8769f87616159f8c75c6cd4bb6qn1r1p2t.html>. Acesso em 2 set. 2020.

¹² NINA, Roberta. 1ª mulher a narrar Gre-Nal busca romper mais barreiras. Blog Dibradoras. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/10/25/1a-mulher-a-narrar-gre-nal-busca-romper-mais-barreiras-quer-ohegar-a-copa>. Acesso em 3 set. 2020.

¹³ NICOLA, Jorge. Primeira mulher a narrar um clássico no Paulistão quer invasão "delas" no futebol. Yahoo Esportes. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/noticias/primeira-mulher-narrar-um-classico-no-paulistao-quer-invasao-delas-no-futebol-205453474.html>. Acesso em 3 set. 2020.

“Narra Quem Sabe”, para serem narradoras do Mundial de Futebol Masculino em canal secundário. De acordo com Pacheco (2018)¹⁴, os concursos apresentavam semelhanças com “*reality-shows* e foram marcados inicialmente por escorregadas machistas no processo de seleção, algo que se repetiu em, pelo menos, uma das transmissões” (on-line). Os problemas do formato também foram apontados por Bagatini (2018):

Esse modelo de “gincana” é problemático porque expõe mulheres a suposta diversão do público, reforça o estereótipo de que elas não entendem tanto de futebol quanto eles, mostra a desconfiança com as profissionais do meio esportivo e ainda trata aquelas que gostam de futebol como aberrações.

Se a emissora queria contratar uma mulher para narrar jogos, por que não simplesmente contratou uma mulher para narrar jogos? Em 2009, o canal fez uma versão masculina do programa em que os participantes foram avaliados apenas pela narração dos jogos. Nenhum teste de conhecimentos foi aplicado. Afinal, para ser narrador esportivo não é preciso responder a perguntas infantis sobre impedimento nem ter o corpo dentro do padrão de beleza, o que importa é a capacidade de comandar transmissões. Por que o mesmo não vale para as mulheres?

Diante das contestações, as emissoras deram um passo atrás e apresentaram novos projetos, menos desrespeitosos às mulheres, que foram um sucesso. (BAGATINI, 2018, online)¹⁵

A partir deles, Vivi Falconi se tornou a primeira brasileira a narrar do estádio um jogo da Liga dos Campeões da Europa - a partida entre Real Madrid e Bayern de Munique em abril de 2018. Entretanto, enquanto ela narrava no segundo canal do Esporte Interativo, havia um homem, André Henning, fazendo o mesmo no canal principal da emissora¹⁶. O mesmo ocorreu com as três narradoras selecionadas pela Fox Sports, que faziam as transmissões de um segundo canal da emissora enquanto havia uma narração masculina no canal principal.

À lista também acrescentam-se nomes como o de Elaine Trevisan, que fez sua primeira narração pela Web Rádio Poliesportiva, em jogo do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino entre São Paulo e Bahia¹⁷. Ela também participou do concurso do Esporte Interativo e, posteriormente, dividiu com a vencedora da mesma seleção, Vivi

¹⁴ PACHECO, Leonardo Turchi. Narração de futebol e mulheres: a mudança em curso. Ludopédio. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/narracao-de-futebol-e-mulheres-mudanca-em-curso>. Acesso em 2 set. 2020.

¹⁵ BAGATINI, Olga. As barreiras das mulheres no jornalismo esportivo. Jornalistas de Minas. Disponível em: <http://www.sjpmg.org.br/2018/09/as-barreiras-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo>. Acesso em 2 set. 2020.

¹⁶ GUARIGLIA, Alexandre. Conheça a primeira mulher a narrar jogo da Liga dos Campeões. Terra. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/conheca-a-primeira-mulher-a-narrar-jogo-da-liga-dos-campeoes-nao-foi-so-por-mim-foi-por-cada-uma-delas,61b3a94e7ab03c87f295af07261c202bmf3jx0lb.html>. Acesso em 2 set. 2020.

¹⁷ MARCONATO, Ivan. As donas do espetáculo (Coluna Toque de Letras). Rádio Poliesportiva. Disponível em: <https://www.radiopoliesportiva.com.br/as-donas-do-espetaculo>. Acesso em 3 set. 2020.

Falconi, as narrações de jogos do Campeonato Paulista Sub-17 de Futebol Masculino no canal Rede Vida, que passou a ter equipe com homens na fase final do torneio¹⁸ - em 2021, Elaine foi contratada como narradora para atuar nos canais da Disney¹⁹.

No grupo, que mantém atualmente os canais ESPN e Fox Sports, já estava Luciana Mariano, que também permanece por lá como narradora. Desde 2019 na ESPN, ela fez a narração, em uma transmissão comemorativa do dia da mulher, da competição Novo Basquete Brasil, naquele ano. Além disso, exerceu a função em partidas de campeonatos de futebol de países europeus e amistosos de seleções femininas de futebol. Luciana teve o contrato renovado com o Grupo Disney no início de 2021, com direcionamento para coberturas de transmissões de modalidades femininas²⁰.

O ano de 2019 contou com crescimento de participações femininas na narração. Valéria Possamai fez a narração de jogo entre Internacional e Grêmio do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino pela Rádio Grenal da Rede Pampa de Comunicação²¹; Mara Steffens narrou partida de futsal na rádio Diário AM²²; Duda Gonçalves estreou na narração, pela Rádio Inconfidência (MG), em jogo da Série B do torneio nacional de futebol masculino²³; e Luciana Zogaib, que fez sua primeira narração pela Rádio Web RPC em 2017, foi a única mulher a narrar a decisão do título da Libertadores conquistado pelo Flamengo sobre o River Plate, pela Rádio Ferj - em que atua até atualmente por meio da parceria com o projeto Damas do Esporte, que coordena²⁴. Também nesse ano, Camilla Garcia, que já havia participado do “Narra Quem Sabe”, ganhou concurso de narração de transmissão de e-sports realizado pelo Grupo Globo - ela segue atuando na função principalmente na internet²⁵.

¹⁸ SCARDOELLI, Anderson. Emissora de TV desfaz equipe feminina de narração esportiva. Comunique-se Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/emissora-de-tv-desfaz-equipe-feminina-de-narracao>. Acesso em 3 set. 2020.

¹⁹ RENÓ, Júlia. Grupo Disney contrata narradora esportiva. Portal Comunique-se. Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/grupo-disney-contrata-narradora-esportiva>. Acesso em 11 ago. 2021.

²⁰ DE Contrato renovado com a Disney, Luciana Mariano narra final da Copa da Rainha no domingo. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/contrato-renovado-disney-espn-luciana-marinho-narra-final-copa-rainha-do-mingo-barcelona-levante.html>. Acesso em 11 ago. 2021.

²¹ RÁDIO Grenal é primeira emissora do Estado a transmitir jornada de futebol com equipe feminina. Disponível em: <http://www.radiogrenal.com.br/radio-grenal-e-a-primeira-emissora-do-estado-a-transmitir-uma-jornada-de-futebol-com-equipe-feminina>. Acesso em 3 set. 2020.

²² VOZ feminina no comando da jornada esportiva em Carazinho. Diário da Manhã. Disponível em: <https://diariodamanha.com/noticias/voz-feminina-no-comando-da-jornada-esportiva-em-carazinho>. Acesso em 3 set. 2020.

²³ Disponível em: https://twitter.com/eduardacg_/status/1405505662646423556. Acesso em 11 ago. 2021.

²⁴ DAMAS do Esporte. Disponível em: https://damasdoesporte.com.br/?page_id=182. Acesso em 11 ago. 2021.

²⁵ BECKER, Domitila. Da música para a narração, Milla virou a voz dos e-sports e inspira meninas. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/06/09/da-musica-para-a-narracao-milla-virou-a-voz-dos-e-sports-e-inspira-meninas>. Acesso em 11 ago. 2021.

Ainda em 2019, a voz de Natália Lara, que esteve entre as finalistas do concurso da Fox Sports, foi ouvida na TV Cultura com a narração de três jogos do Torneio Uber Internacional de Futebol Feminino de Seleções²⁶. Ela foi contratada pelo canal de streaming DAZN para ser a primeira mulher a narrar na plataforma on-line e atuou também em transmissões de competições femininas nos canais virtuais da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e da Federação Paulista de Futebol (FPF)²⁷ - Camilla Garcia e Vivi Falconi também narraram jogos para a FPF. Natália Lara ainda teve passagens por canais do YouTube e pelos canais de esportes da Disney, até ser contratada, em 2021, pelo Grupo Globo, onde permanece narrando jogos de futebol nos canais Sportv e em que atuou na função durante as Olimpíadas realizadas em 2021.

A mesma função é desempenhada por Renata Silveira, que também passou pelo Grupo Disney e se tornou, em dezembro de 2020, a primeira narradora da história da Rede Globo de Televisão²⁸ - empresa que ainda não abriu espaço para que uma mulher narre uma partida de futebol em canal aberto. Outra participante da seleção “Narra Quem Sabe” que continuou atuando como narradora em 2020 foi Manuela Avena, em transmissões da Copa do Nordeste pela TV Aratu, afiliada do SBT na Bahia²⁹.

No segundo semestre daquele ano, a Rede Bandeirantes de Televisão contratou Isabelly Moraes para a narração, principalmente, de competições de futebol feminino - com espaço no canal aberto do grupo³⁰. Ela também atuou como narradora em transmissões dos Jogos Olímpicos de Tóquio, adiados para 2021 em decorrência da pandemia de covid-19. Entre 2020 e 2021, também estrearam na narração, em transmissões na internet, Júlia Carvalho, que se tornou a primeira mulher a narrar uma partida de futebol no Rio Grande do Norte, ao atuar na transmissão do jogo do torneio

²⁶ TV Cultura volta a transmitir futebol e estreia com voz feminina na narração. Portal UOL. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/914_tv-cultura-volta-a-transmitir-futebol-e-estrela-com-voz-feminina-na-narracao.html. Acesso em 3 set. 2020.

²⁷ NATÁLIA Lara: DAZN contrata primeira mulher como narradora de futebol. Portal UOL. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/09/30/natalia-lara-dazn-contrata-primeira-mulher-como-narradora-de-futebol.htm>. Acesso em 3 set. 2020.

²⁸ GLOBO contrata Renata Silveira, primeira narradora da história da emissora. Globo Esporte. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/globo-contrata-renata-silveira-primeira-narradora-da-historia-da-emissora.ghtml>. Acesso em 11 ago. 2021.

²⁹ RODRIGUES, Luma. Manuela Avena é a primeira mulher a narrar a final da Copa do Nordeste. Disponível em: <https://www.futebolnaveia.com.br/manuela-avena-e-a-primeira-mulher-a-narrar-a-final-da-copa-do-nordeste>. Acesso em 11 ago. 2021.

³⁰ VAQUER, Gabriel. Band contrata narradora e terá 1ª equipe 100% feminina para exibir futebol. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2020/10/28/band-contrata-narradora-e-tera-1-equipe-100-feminina-para-exibir-futebol.htm>. Acesso em 11 ago. 2021.

estadual de futebol feminino para o canal on-line da federação local³¹; Cris Menezes, com narração de jogo do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino pela plataforma de streaming MyCujoo³²; e Denise Bertola, no canal Território MLS, no YouTube³³.

Considerações finais

A partir da análise documental estabelecida para mapear historicamente a atuação de mulheres na narração em transmissões esportivas, é possível identificar que há participações ausentes em registros acadêmicos e que a presença feminina na função está em crescimento. Contudo, a oferta de trabalho na área ainda é escassa e instável, com pouca documentação oficial, o que leva à pesquisa a recortes de conteúdos divulgados em veículos noticiosos por meio da internet e de redes sociais digitais. Por isso, é possível que alguma profissional não tenha sido identificada.

Além das profissionais enumeradas, há também iniciativas desenvolvidas em atividades laboratoriais de cursos de graduação em Jornalismo. Três projetos nesse sentido foram identificados. O de maior longevidade é o Doutores da Bola, da Universidade Federal de Goiás (UFG), que realiza transmissões de jogos de futebol profissional na Rádio Universitária, feitas por estudantes de Jornalismo, há 20 anos. Em 2019, houve um aumento da participação feminina na narração. Até aquele ano, três alunas haviam narrado algum jogo - Pollyana Pádua, Núbia Alves e Aline Carlêto -, apenas entre 2019 e o início de 2020, outras quatro estudantes assumiram a função em pelo menos parte de uma partida de futebol: Daniela Versiane, Mariana Siqueira, Tandara Reis e Maiara Dal Bosco (VERSIANE; FERRO, 2020).

Estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) também tiveram a oportunidade de atuar como narradoras a partir do projeto de extensão Donas do Placar da Web Rádio Ponto³⁴. Pelo menos três alunas se interessaram por fazer a narração dos jogos da Copa do Mundo de Futebol Feminino. Entre elas, Duda Dalponte ganhou reconhecimento nas mídias digitais e recebeu convite para narrar Avaí x

³¹ FRANÇA, Helliny. Primeira mulher a narrar uma partida de futebol no RN quer abrir caminhos para outras no jornalismo esportivo. Portal Agora RN. Disponível em: <https://agorarn.com.br/ultimas/a-primeira-mulher-a-narrar-uma-partida-de-futebol-no-rn-quer-abrir-caminhos-para-outras-no-jornalismo-esportivo>. Acesso em 11 ago. 2021.

³² OGUMA, Renan. Conheça as narradoras do Campeonato Brasileiro feminino. Torcedores. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2021/05/narradoras-campeonato-brasileiro-feminino>. Acesso em 11 ago. 2021.

³³ Disponível em: <https://twitter.com/territoriomls/status/1399030482541727746>. Acesso em 11 ago. 2021.

³⁴ BRAGA, Karol. Programa formado por alunas irá transmitir Copa do Mundo de Futebol Feminino. Disponível em: <https://caterinas.info/programa-formado-por-alunas-ira-transmitir-copa-do-mundo-de-futebol-feminino>. Acesso em 3 set. 2020.

Juventus pela Rádio Avaí no dia da mulher, em 2020, ao lado de comentaristas também do projeto - ela também narrou, naquele ano, a final da UEFA Women's Champions League pela Web Rádio Arquibancada Esporte Clube, no YouTube.

A experiência também foi possível na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), a partir de onde Sosa e Bonito (2018) relatam o desenvolvimento de episódio de laboratório de narrações femininas. O ensino superior se torna uma porta para a função, considerando que está entre os principais meios de acesso das mulheres ao mercado de trabalho e que a maioria das profissionais citadas tem formação em Jornalismo, mas também oferece às estudantes o direito de pensar no futuro profissional sem limitações. O registro histórico se mostra imprescindível para evitar o esquecimento da atuação das mulheres em diferentes áreas da Comunicação e mais especificamente do Jornalismo e para que existam referências para as que virão.

Referências bibliográficas

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BELARMINO, Josué Dantas; MEDEIROS, Júlia Maria Alves de. Do campo à narração esportiva: o espaço das mulheres no futebol brasileiro. In: Congresso Brasileiro de Gestão do Esporte, 9., 2018, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: ABRAGESP, 2018, p. 143-144.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRUM, Adriana; CAPRARO, André Mendes. Mulheres no jornalismo esportivo: uma “visão além do alcance”? **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4, p. 959-971, out/dez 2015.
- BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Instruídas e trabalhadeiras - Trabalho feminino no final do século XX. **Cadernos pagu**, n. 17-18, p. 157-196, 2002.
- BRUSCHINI, Maria Cristina A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537-572, 2007.
- BUENO, Noemi Correa; MARQUES, José Carlos. Jornalismo esportivo e relações de gênero: o espaço para a participação feminina. **Comunicação & Inovação**, v. 21, n. 45, 2020.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.
- FONSECA, Tania Mara Galli. **Gênero, subjetividade e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GASTALDO, Édison. A arquibancada eletrônica: questões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil. In: **Compós**, 13., São Bernardo do Campo, 2004.
- GÖETZ, Ciro Augusto Francisconi. A narração esportiva no rádio do Brasil: uma proposta de periodização histórica. **Revista Latino-americana de Jornalismo**, v. 7, n. 1, p. 66-86, 2020.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JOHN, Valquíria Michela. Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 11, n.2, p. 498-509, jul/dez 2014.

LELO, Thales Vilela. A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, 2019.

LODI, Odete. A mulher e as relações de trabalho. **Revista Ciências Sociais em Perspectiva**, v. 5, n. 9, p. 149-160, 2006.

MATTOS, Ediane Teles de; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A constituição histórica da presença da mulher no radiojornalismo esportivo brasileiro. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom**, 40., Curitiba, 2017.

RAMOS, Juliana Caldeira de Araújo Lima; BAUMWORCEL, Ana. Tem batom no microfone: A presença feminina no radiojornalismo esportivo brasileiro. In: **Encontro Regional Sudeste de História da Mídia – Alcar Sudeste**, 4., Niterói, 2016.

RIAL, Carmen. Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa. **Antropolítica**, v. 14, n. 1, p. 61-80, 2003.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: história da imprensa esportiva no Brasil**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

ROCHA, Paula Melani; SOUSA, Jorge Pedro. O mercado de trabalho feminino em jornalismo: análise comparativa entre Portugal e Brasil. **Impulso**, v. 21, n. 51, p. 7-18, 2011.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão**. São Paulo: Panda Books, 2004.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

SCULOS, Bryant W. Who's afraid of 'toxic masculinity'. **Class, Race and Corporate Power**, v. 5, n. 3, 2017.

SOSA, Emilia; BONITO, Marco Antonio. MULHERES NA NARRAÇÃO ESPORTIVA. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 10, n. 2, 2018.

VERSIANE, Daniela Figueredo; FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. As Mulheres e o Jornalismo Esportivo em 20 anos do projeto Doutoras da Bola. In: **Estudos Contemporâneos em Jornalismo - Coletânea 8**. Goiânia: Cegraf UFG, 2020.

YANNOULAS, Silvia Cristina. Introdução: sobre o que nós, mulheres, fazemos. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (org.). **Trabalhadoras – Análise da Feminização das Profissões e Ocupações**. Brasília: Editorial Abaré, 2013.